

## Editorial

Este Editorial objetiva trazer para o presente vozes do passado, já que com ele a Revista Educação e Emancipação, periódico publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, inclui-se nas muitas formas de homenagear esta Instituição de Ensino Superior, no Jubileu de Ouro do seu nascimento.

Vozes que ecoam, agora, advindas de refúgios significativos da memória e guardados ao longo dos anos nas minhas representações que, além de minhas, são, ao modo de cada um, dos grupos sociais que compartilhei e compartilho na caminhada cotidiana percorrida, pelos meandros desta Casa, que chamo de minha, mesmo sabendo que ela pertence a todos nós que a compusemos e compomos.

Memória aqui entendida como consciência do passado vivido que preserva informações relacionadas a si e à época, passíveis de recuperação, propiciando o aflorar de sensibilidades em franca conexão com o imaginário e a partir da maneira como as pessoas se situam no mundo. Nesse sentido, procuraremos atender à seletividade da memória, que escolherá lembranças afloradas de coisas por mim aqui vividas.

Para escrever este texto, percorri minhas lembranças fragmentadas e dispersas, mas, nem por isso, menos significativas, nos meus quarenta e oito anos de UFMA, como aluna, professora, pesquisadora e componente do corpo administrativo. Lembranças, pois, que retratam um passado distante, se chegam ao conhecimento dos jovens na contemporaneidade, formada por alunos, professores e todos que por ela se interessam, levando em conta o sentido de pertencimento que nos perpassa de muitas formas no dia a dia desta Casa. Passado este que para mim se apresenta próximo, um quase ontem, talvez por tê-lo vivido intensamente, sem ver o tempo passar, durante cinco décadas.

Dessa forma, minha memória aflui, numa acrobacia ousada que, alheia a uma ordem cronológica, abriga-se nas lembranças, misturando aquelas mais remotas às mais recentes.

Agora, me localiza, sem esforço, numa sala de aula no Mestrado em Educação, apontando as qualidades de uma técnica de sistematização de dados conhecida como Análise de Conteúdo muito utilizada, e que os mestrandos da Turma estão interessados em aplicar nas pesquisas que desenvolvem para a elaboração das suas dissertações.

Pois é, hoje já são muitos os mestrados e doutorados implantados na minha universidade, numa demonstração de que ela evoluiu e até

mesmo espalhou-se pelos caminhos da terra, em intercâmbios nacionais e internacionais. E ontem, em 1972, éramos apenas dezenove alunas concluindo o Curso de Pedagogia, assustadas diante da realidade adversa que atingia o país, mas mesmo assim, dispostas ao enfrentamento, face à situação alarmante que apontava os baixos índices alcançados pela educação no Brasil. Tanto é que destacamos no nosso convite de formatura: 46% de analfabetos; 38% de crianças sem escolas e 42% de professores leigos. Diante da situação, prometemos: “Estamos comprometidas e aceitamos este desafio”, isto é, o de reverter o quadro educacional do país. Animávamos os ensinamentos vindos de Angicos, na voz do maior educador deste país, Paulo Freire. Espantava-nos a ousadia do método de alfabetização/conscientização criado por ele e entendido como diálogo de consciências mediado pela realidade concreta intencionando transformar essa realidade. Era o desafio da Esperança contra a cruza da Ditadura Militar.

Nascida em 1966, não há como negar que a UFMA é filha dessa Ditadura imposta ao país em 1964. E sofreu por isso. Ainda em tenra idade e já pairava nos seus espaços um clima de insegurança, que fluía do cotidiano das salas de aula, quando tomávamos conhecimento das prisões, das pessoas desaparecidas, enfim, da percepção que se tinha dentro da própria universidade da existência de um embate velado entre grupos ou pessoas com posições políticas contrárias, permeando as instâncias burocráticas e acadêmicas. Fomos os primeiros alunos alcançados pela Reforma Universitária de 1968, que nos deslocou, quase a força, do majestoso Palácio Cristo Rei para o Campus do Bacanga. Para trás ficava a Praça Gonçalves Dias das tardes amenas e a certeza de que outros cenários se descortinariam à nossa frente. E aqui estamos desde então. Éramos dezenove e hoje somos duas: a professora Maria Alice Melo e eu a transitar no cotidiano destes espaços que introjetamos como nosso, alcançadas por um misto de pertencimento e afeto.

Retornando à Praça Gonçalves Dias, em frente ao Palácio Cristo Rei, já, então, sede da Reitoria, situo-me numa manhã de outubro, chorando a minha impotência frente a um incêndio de grandes proporções que destruiu vorazmente aquele prédio mais que belo, tão querido, que no dia anterior abrigara nossa alegria, num fim de tarde de lua quase cheia, quando comemorávamos os 25 anos da UFMA, entre silhuetas de palmeiras e taças de vinho, conspiradores dos nossos devaneios. Fui invadida por uma sensação de estranhamento e perplexidade. Em instantes, o mirante do Palácio não estava mais lá, e eu não sabia onde abrigar os meus fantasmas lá alojados desde a minha juventude universitária. Em instantes, se foram a Sala dos Conselhos, cenário de tomadas de tantas decisões importantes; os

retratos dos ex-reitores; o brasão da UFMA que minha mente cansada não conseguia recompor; o sorriso acolhedor do professor Jerônimo Pinheiro, nosso Reitor, não estavam mais lá.

Consolou-me a ideia de que a alma daquela Casa não ruíra. Estava ali, em cada um de nós e nos irmanava. Reconstruído, ainda na administração Jerônimo Pinheiro, o Palácio Cristo Rei recebeu de volta seu acervo, sua imponência, seu dinamismo e, também, meus fantasmas e meus devaneios.

Agora, os caminhos da memória se fazem recentes e me conduzem ao Centro Pedagógico Paulo Freire, designação sabiamente escolhida para nominar o prédio construído na administração do Reitor, professor Natalino Salgado, que funciona inclusive para a realização de grandes eventos na área da educação. Recentemente, lá encerramos o VII Encontro de Educadores, realizado sob os auspícios do Programa de Pós-Graduação em Educação.

Mais uma vez, misturo presente e passado num caleidoscópio que me fascina pela mutabilidade das suas formas e cores. Mais uma vez, vivemos momentos difíceis para a educação do nosso país, em que forças políticas hegemônicas conspiram contra os avanços democráticos conseguidos, numa caminhada entremeada de lutas, acertos, retrocessos, perdas e possíveis conquistas.

Peço aos leitores desta Revista que sejam condescendentes comigo ao lerem este Editorial que, de propósito, foi escrito recorrendo mais à memória e ao cotidiano, por acreditar que uma universidade é feita, também, de outros ingredientes além dos numéricos a apontarem suas realizações e sua produtividade. Acredito que na confluência dos mais diversos elementos materiais e não materiais brota a “liga da massa”, a transitar na fluidez do cotidiano que guarda o que há de mais vivo na história desta casa, tão minha e tão nossa. Trazê-los à tona significa alimentar e vivificar a alma que nela habita.

Boa Leitura!

*Maria Núbia Barbosa Bonfim*

Doutora em Educação

Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade

Federal do Maranhão